



## **Artistas indígenas paranaenses e agroecologia** *Indigenous artists of the State of Paraná and agroecology*

DIAS, Mateo<sup>1</sup>; SANTIAGO, Debora Maria<sup>2</sup>;

<sup>1</sup> UNESPAR, *campus* Curitiba I - EMBAP, mmauryx@gmail.com; <sup>2</sup> UNESPAR, *campus* Curitiba I - EMBAP, santiagodebora@ymail.com

### **RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO**

#### **Eixo Temático: Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia**

**Resumo:** Artistas que têm suas raízes nas etnias nativas, por diversas vezes trazem a discussão sobre a conservação da natureza em suas produções. A agroecologia, movimento preocupado com a degradação ambiental provocada por um modelo agrícola exploratório, um dos grandes dilemas contemporâneos, propõe formas de produção de alimentos que preservam o ecossistema e a biodiversidade locais, além de valorizar e fornecer sustento às comunidades. Essa preocupação ambiental se tornou iminente tanto nos maiores centros urbanos quanto nas áreas mais remotas e dos mais variados biomas ou regiões geográficas. Portanto o embasamento teórico partiu de diversas fontes, abrangendo desde textos dos próprios artistas, como de outros pesquisadores das mais variadas origens/âmbitos. O resumo é parte de pesquisa de Iniciação Científica sobre a produção contemporânea de alguns artistas indígenas da região do Paraná, e busca analisar como, e se o tema da agroecologia é referenciado nos trabalhos dessas/es.

**Palavras-chave:** arte contemporânea; sustentabilidade; decolonialidade; expressões ameríndias; cultura popular.

#### **Introdução**

A sustentabilidade tem sido um tema que ganhou força nos últimos anos e a agroecologia, com práticas de cuidado para preservação de toda a vida ao redor na produção de alimento e visando “sistemas de produção economicamente viáveis, ecologicamente equilibrados, socialmente justos e culturalmente aceitáveis” (CAFORAL; COSTABEBER, 2000, p.29) incorpora o conceito de desenvolvimento sustentável, e não dispensa os avanços no conhecimento científico. As culturas originárias das terras sul-americanas (comumente chamadas e aqui tratadas por ‘indígenas’) desde tempos imemoriais associam a produção de alimento, de artefatos e de organização sociocultural ao equilíbrio com o meio ambiente, ainda que primeiramente não recebessem essas denominações de sustentabilidade e ecologia, destacadas anteriormente. Muitas das produções atuais de artistas indígenas encontram as mesmas referências para suas práticas artísticas, valorizando e respeitando os saberes ancestrais de seus povos, ao mesmo tempo que mantendo vivas as técnicas, processos e elementos etno culturais.

Todavia os estudos que associam artistas indígenas e agroecologia, não foram localizados de forma tão abundante, para tanto o presente estudo visa aprofundar, pormenorizar e fomentar pesquisas futuras, acadêmicas ou não, sobre essas produções presentes e emergentes na contemporaneidade do território brasileiro, entretanto centrando-se na especificidade das produções desenvolvidas ou



relacionadas ao contexto paranaense. Certamente, a agroecologia se adéqua mesmo a diferentes etnicidades e contextos, pelo ponto em comum que as parcelas da sociedade que acabaram sendo marginalizadas possuem, que seria causa direta do modelo capitalista de produção e estruturação, como destacado por Maria da Graça Costa (2017), ao demonstrar a conexão que existe nas lutas por direitos de igualdade (de gênero, de cor, de classe), antirracismo, pela preservação de culturas populares e por questões ambientais. Deixando claro, o caráter multidisciplinar que a agroecologia tem expressado, ao preocupar-se com a conexão do sistema produtivo de alimentos com elementos biofísicos, sociais, culturais, governamentais e de todo modo, externos às concepções mais tradicionais de agricultura. Nesse ponto também se percebe uma conexão das práticas de cultivo das comunidades ameríndias, não apenas associadas às técnicas de manejo, sobretudo intrinsecamente constituintes das tradições e religiosidades dos mesmos (NORDER, 2019).

## **Metodologia**

Durante a pesquisa foram aprofundadas, através de pesquisa bibliográfica e material de apoio, vídeos e PDFs disponibilizados na internet, as competências relacionadas à biografia e obra de artistas de comunidades autóctones, à temática da “arte indígena” e a inserção desta(s) em concepções contemporâneas de arte, além das leituras relacionadas à questão agroecológica e ao ativismo. No texto de Juliana Kerexu Mariano e Rodrigo Graça (2019), o contexto da presença indígena no Paraná e as nuances culturais dos povos originários puderam ser melhor compreendidos, sendo que a principal abordagem decorre sobre a presença Guarani no litoral do estado e sobre as particularidades do seu modo de vida enraizado em tradições herdadas de tempos imemoriais.

O catálogo da exposição Vexoa (TERENA; MUNDURUKU, 2020) contribuiu acerca do cenário atual da arte e a participação de artistas indígenas no âmbito contemporâneo, com destaque para Camila dos Santos da Silva (Kaingang), Dival da Silva (Xetá), Gustavo Caboco, Juliana Kerexu, Luciene Wapichana e Ricardo Werá Mariano, que embora venham de formações, ancestralidades e entornos distintos, representaram na mostra uma parcela da multiétnica composição populacional que se deu no estado do Paraná, para muito além da descrita como preponderante, imigração europeia. A exposição demonstra a inserção da arte dita indígena no principal circuito artístico do país, tendo sido exposta na Pinacoteca do Estado de São Paulo, entre 2020 e 2021, e reforçando a dimensão e importância que a mesma tem ganhado, em especial no período pós Pandemia de COVID-19. A mostra, com curadoria de Naine Terena, contou com participação de artistas das mais variadas regiões do país, a citar Ailton Krenak, Coletivo Ascuri, Daiara Tukano, Denilson Baniwa, Jaider Esbell, Movimento de Artistas Huni Kuin (MAHKU), Olinda Muniz Tupinambá, Yakunã Tuxá, entre outros.

Para melhor complementar o panorama das culturas ameríndias originárias e as percepções contemporâneas sobre as mesmas, um relato do Paraguai, país vizinho,



foi agregado a investigação e que contou com uma narrativa inclusive sobre as etnias que ultrapassam ambas as fronteiras (ESCOBAR, 1993). As leituras centradas na agroecologia desenvolveram-se em torno dos trabalhos de Francisco Caporal e José Costabeber (2000), Maria da Graça Costa (2017) e Luiz Antonio Norder (2019), permitindo uma compreensão mais adequada de seu desenvolvimento e relações interdisciplinares, especialmente ao campo artístico, Carla (2020) e Santiago (2020 e 2021).

Acrescido ao embasamento teórico, durante o período de pesquisa também foram realizadas visitas ao Museu Paranaense com o intuito de além de verificar as obras expostas, participar de palestras e eventos relacionados às questões nativas, dentre elas destaque para o lançamento de livros de Gustavo Caboco, no fim de 2022, a oficina “Uma história dentro do cesto” realizado pelo coletivo Kókir, e também a exposição “Mejtere: histórias recontadas”, estas últimas no ano de 2023.

### **Resultados e Discussão**

A percepção que pode ser constituída a partir da fundamentação teórica que foi desenvolvida, apenas reforça a interconectividade dos campos de conhecimento e atuação humana, por exemplo as questões ambientais que apresentam ligações com áreas que, embora talvez não sejam imediatamente associáveis, como as lutas por direito de igualdade e pela preservação das culturas populares, estejam interconectadas (COSTA, 2017). Tópicos esses que parecem se repetir na produção de muitos artistas, aqui no caso dos artistas indígenas, que participam da vertente contemporânea da arte sem abrir mão de suas bagagens culturais originárias (MARIANO; GRAÇA, 2019). O referencial teórico também indicou para a atenção e cuidado com os materiais na produção de objetos e elementos pictóricos, conforme descrito por Escobar (1993).

O Coletivo Kókir, formado pela artista e professora Sheilla Dias de Souza e por Tadeu dos Santos, artista pertencente à etnia kaingang, realizou a oficina “Uma história dentro do cesto”, a qual participamos, durante a exposição no Museu Paranaense. A oficina foi realizada por Sheilla e iniciou com uma roda de conversa, com apresentações e discussões sobre ancestralidade. Depois cada participante realizou uma modelagem em argila: uma escultura/sementeira, que uma vez plantada, perde sua característica de forma original, contudo se transformando em algo para além dos suportes tradicionais de arte, e contribuindo para a preservação da flora nativa e tradições alimentares locais, uma vez que as sementes disponibilizadas foram de urucum, jenipapo, maracujá e araucária.



Ëpny věnkhâpóv (Encruzilhada), 2022. Coletivo Kókir, Luiz da Silva Kaingang e Joaílton da Silva Foság. Carrinho de mercado trançado com fibra sintética. Foto da co-autora.

O catálogo da exposição “Mejtere: histórias recontadas” (2023) destaca justamente a questão do “moderno” ou “contemporâneo” assimilado e adaptado às vertentes nativas de pensamento, novamente trazendo o Coletivo Kókir, em sua obra “Ëpny věnkhâpóv” (Encruzilhada) presente na exposição. A obra apresenta um carrinho de supermercado, adornado com cestaria tradicional, contudo com um material inusitado para esta prática: o plástico, mostrando também essa assimilação do novo e dos materiais atuais da sociedade não indígenas, adaptados para o uso em técnicas ancestrais. O carrinho por estar vazio alude ao nome do coletivo, que significa “fome” em Kaingang, indicando uma das mazelas que diversas populações e indivíduos foram subjugados no processo de colonização e de “desenvolvimento” da sociedade secular nacional. A exposição também foi importante para mostrar outro ponto de destaque na causa estudada: a inserção de indígenas no meio acadêmico, uma vez que a curadoria da mesma foi de três estudantes indígenas, que foram selecionados por edital: Camila dos Santos da Silva (Kaingang), Ivanizia Ruiz (Tikuna) e Robson Delgado (Baré), contando com a participação de diversos artistas, entre eles: Denilson Baniwa, Édina Barbosa Farias, Edgar Kanykô,



Fernando Xokleng, Juliana Kerexu, Priscila Tapajowara, Vladimir Kozák e We'e'ena Tikuna.

## Conclusões

As fontes disponíveis acerca do que convencionou-se chamar de arte indígena, arte contemporânea indígena ou mesmo apenas *arte*, demonstra que tem ocorrido uma visibilidade cada vez maior da causa indígena num sentido mais amplo. Diversos são os fatores que podem ter contribuído para essa estruturação, ainda que não seja o objetivo central da pesquisa apresentada, a análise teórica demonstrou que em anos recentes têm crescido o número de exposições e mostras de arte indígena, trazendo artistas atuantes de vários lugares do Brasil, trabalhando com diversos suportes e mídias, inclusive abrindo espaço para estudantes indígenas fazerem a curadoria de uma exposição que visa também dar aos próprios herdeiros das populações originárias o direito de narrar, selecionar e expor o que percebem como mais relevante para se mostrar em dito espaço.

No momento atual da pesquisa pudemos verificar que o tema da agroecologia não é tratado isoladamente, mas integrado à todas as maneiras de existir, como é próprio da cultura indígena. Assim foi na oficina realizada pelo Coletivo Kòkir, que instigou o público do museu a dar atenção a todo ciclo de vida no cuidado com as sementes de plantas presentes em nossa alimentação.

## Referências bibliográficas

CAPORAL, Francisco R.; COSTABEBER, José A. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. In.: **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, RS, v. 1, n. 1, jan./mar., p. 16-35, 2000.

CARLA, Culturas of Antirracismo na América Latina. **Véxoa: Nós sabemos** na Pinacoteca de São Paulo e a arte indígena contemporânea no Brasil. Youtube, 2020. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=MoCW6AERCvo&list=PLNJScgBoVM4giOUG16K5oygKxLqRbFq0H&index=1&t=4s&ab\\_channel=CulturesofAnti-RacisminLatinAmerica-CARLA](https://www.youtube.com/watch?v=MoCW6AERCvo&list=PLNJScgBoVM4giOUG16K5oygKxLqRbFq0H&index=1&t=4s&ab_channel=CulturesofAnti-RacisminLatinAmerica-CARLA)> Acesso em: 01 mar 2023.

Catálogo da exposição “**Mejtere: histórias recontadas**”. Curadoria: Camila dos Santos; Ivanizia Ruiz Guimarães; Robson Chaves Delgado. Curitiba: Museu Paranaense, 2023.

COSTA, Maria da Graça. Agroecologia, (eco)feminismo e “bem-viver”: emergências descoloniais no movimento ambientalista brasileiro. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress**. Florianópolis, 2017

ESCOBAR, Ticio. **La belleza de los Otros** - Arte indígena del Paraguay. RP



Edições: Asunción, 1993.

MARIANO, Juliana Kerexeu M; GRAÇA, Rodrigo. **As comunidades indígenas do litoral do Paraná: Nhande Mbya Reko, Nosso Jeito de Ser Guarani**. Editora UFPR, Curitiba, 2019. Disponível em: <<http://www.proec.ufpr.br/maiscultura/download/2020/Indigenas.pdf>>. Acesso em: 08 nov 2022.

NORDER, Luiz Antonio. **Agroecologia em terras indígenas no Brasil: uma revisão bibliográfica**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 291-329, jul./dez. 2019. Disponível em <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/212834/1/Norder-et-al-agroecologia-em-terras-indigenas.pdf>>. Acesso em: 08 nov 2022.

SANTIAGO, Debora. Defesa de Doutorado em Artes Visuais. Youtube, 2020. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=MuedlVMi8jk&t=2438s&ab\\_channel=DeboraSantiago](https://www.youtube.com/watch?v=MuedlVMi8jk&t=2438s&ab_channel=DeboraSantiago)> Acesso em: 01 mar 2023.

SANTIAGO, Debora. Natureza, alimento e cores: arte, educação e agroecologia em ações com público. **Revista ouvirOUver**, v.17, n.2. p. 359-374. jul./dez. 2021

TERENA, Naine (curadoria); MUNDURUKU, Daniel et al. (textos). **Véxoa: Nós sabemos**. Catálogo da exposição. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2020.